

Claro **enigma**

de Carlos Drummond de Andrade
por Kelly Naiara da Silva Rosário



AOL

Análise de Obras Literárias

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

EXPEDIENTE



Diretor Geral:
Roger Trimer.

Gerente editorial:
João Carlos Puglisi.

Coordenadora de projeto editorial:
Marília L. dos Santos G. Ribeiro.

Assistente de coordenação de projetos editoriais:
Yara C. de Oliveira.

Coordenadora de produção editorial:
Livia Scherrer dos Santos.

Colaboradora externa:
Thalita Diniz.

Editora de texto:
Juliana Verri.

Coordenadora de revisão:
Mariana Castelo Queiroz.

Revisoras:
Kemi Tanisho e Vivian Prado de Souza.

Editores de arte:
Kleber S. Portela e Wellington Paulo.

Diagramador:
Alexandre Moreira Lemes.

Ilustradores:
Giovana Mara Pinto dos Santos,
Kaleb de Carvalho e Rafael Coelho Vilarino.

Coordenadora de licenciamento:
Kelly Garcia.

Analistas de licenciamento:
Letícia Aparecida Tashiro, Margarita Veloso
e Souza e Nathalie Furtado Dias Pimentel.

Analista de produção editorial:
Claudia Moreno Fernandes.

Coordenador de PCP:
Anderson Flávio Correia.

Analista de PCP:
Vandré Luis Soares.

Projeto gráfico e capa:
Kleber S. Portela.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Claro enigma

de Carlos Drummond de Andrade



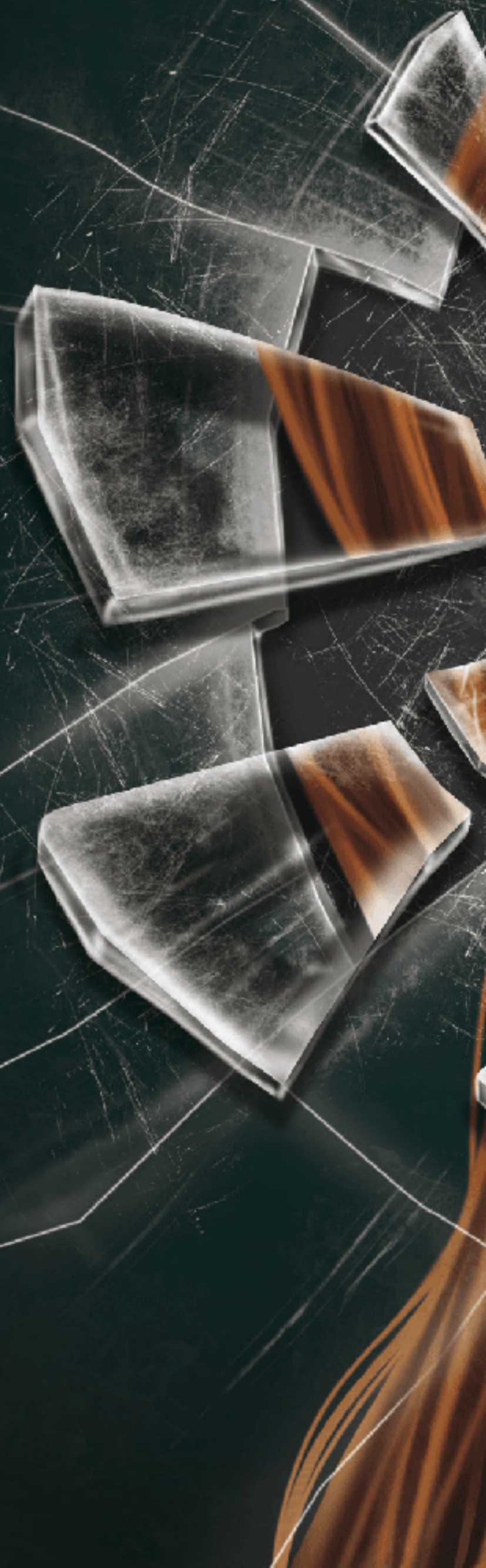
AOL

Análise de Obras Literárias

Claro **enigma**

de Carlos Drummond de Andrade

Como diz o poema "Oficina irritada": "quero escrever um soneto duro". E assim, encontraremos nesse livro um novo Carlos Drummond de Andrade; um poeta mais reflexivo sobre a humanidade e suas condições no mundo. Um poeta mais amargo, preocupado em falar das perdas e ausências, preocupado em falar sobre os fatos abstratos.





INTRODUÇÃO ▼



Claro enigma nos revela uma outra face do escritor, poeta e prosador Carlos Drummond de Andrade; diferente do arrojado modernista que se manifestava até então. Ao longo da leitura de seus poemas, como em “Poema das sete faces”, “Quadrilha” e “No meio do caminho”, percebemos a irreverência, a leveza cotidiana e a métrica livre, inspiradas nos primeiros anos do século XX. Já em “Congresso internacional do medo” e “Mãos dadas”, há o engajamento esperado de um poeta que usa a palavra para mediar sua relação com um mundo em conflitos. Em *Claro enigma*, temos o homem pós-guerra; seu vazio e toda sua desilusão traduzidos em poemas que retomam a estética clássica. Isso não quer dizer, entretanto, que o poeta se afaste da realidade; ele apenas muda o foco: se antes eram abordados os fatos, agora são levantadas as perdas, as ausências e as abstrações de um mundo que responde com desenganos à sua expectativa de vida.

Trata-se de uma poesia de maior amplitude filosófica e metafísica, cerceada por questões que balizam a essência

Os trechos reproduzidos neste material foram extraídos do livro: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

das coisas e o fracasso dos homens diante de sua efemeridade. Nas palavras de Affonso Romano de Sant’Anna, “um choro individual que se une ao coletivo”; um lamento pessimista e doloroso acerca da vida que se tem.

*Era tão claro o dia, mas a treva,
do som baixando, em seu baixar me leva*

*pelo âmago de tudo, e no mais fundo
decifro o choro pânico do mundo [...]*

“Relógio do Rosário”.

Para ler a obra, é preciso considerar que, diferentemente da velocidade horizontal e linear das narrativas, o poema requer verticalidade, “mergulho”, ou seja, é necessário se aprofundar para descortinar a imagem que o poeta, com palavras, construiu.

Nesse sentido, é recomendável eleger dois ou três poemas para ler diariamente, procurando por significados, identificando os fenômenos de linguagem (organização, figuração, recursos poéticos etc.) que tornam cada poema uma obra singular.

Há, de fato, um outro mundo a se descobrir em Drummond: um sem pressa; há que se encarar os poemas como se perfilassem uma incógnita, um enigma a ser decifrado e que se constitui relevante, não por um intento pragmático ou reacionário, mas pelo simples prazer de constituir-se mistério a ser mitigado, perseguido, desvendado. Nas palavras do próprio Drummond: “[...] claro enigma que se deixa surpreender [...]”.

Observação:

Em Claro enigma, encontra-se o poema “A máquina do mundo”, eleito como o melhor poema brasileiro de todos os tempos pelo jornal Folha de S.Paulo.

Glossário

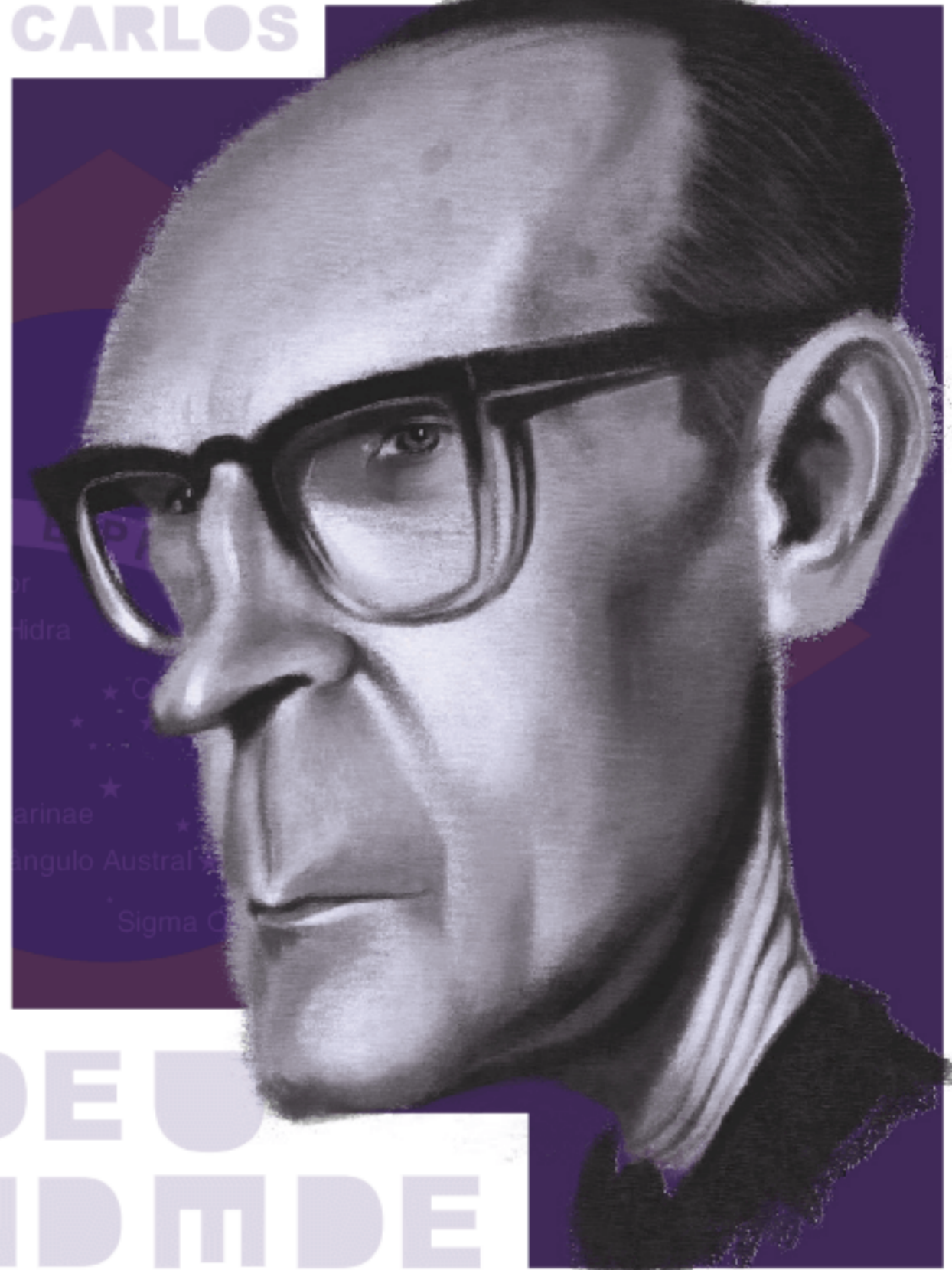
- **Intento:** aquilo que se pretende fazer; desígnio, intenção, propósito, objetivo.

SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

DRUMMOND

CARLOS



**CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE**

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira de Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902. Sendo membro de uma família de fazendeiros em decadência, estudou em colégios internos em Belo Horizonte e Nova Friburgo (RJ). Nesse último, teria sido expulso por “insubordinação mental”.

Por sofrer pressão da família, em 1925, formou-se em Farmácia. Esse foi também o ano de seu casamento com Dolores Dutra de Moraes e do lançamento da *Revista* – pilar do modernismo mineiro, fundada por ele juntamente com outros escritores.

Em 1928, publicou, na *Revista Antropofagia* de São Paulo, o poema que o projetaria no cenário literário nacional: “No meio do caminho”; a repetição, o uso do verbo “ter” em vez do “haver” e a aparente simplicidade estética levantaram polêmica entre os mais conservadores. Ainda nesse ano, ingressou no serviço público como auxiliar de gabinete da Secretaria do Interior e, posteriormente, assumiu a chefia do gabinete do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro.

Desde o primeiro livro, *Alguma Poesia*, publicado em 1930, sua produção tornou-se vasta, já que não parava mais de escrever. Aposentou-se do serviço público, em 1962, para se dedicar – exclusivamente – à autoria e tradução.

Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 1987, doze dias após o falecimento de sua filha, a também escritora Maria Julieta Drummond de Andrade.

O autor e seu período



A trajetória artística de Drummond está atrelada à do próprio Modernismo. Em 1922, ano da Semana de Arte Moderna, o autor – então com 20 anos – já publicava, de forma avulsa, poemas que ajudavam a compor os “abalos iniciais” do movimento no Brasil. Nessa primeira fase, o desafio era implementar uma nova postura cultural no país. As principais conquistas foram a inserção do cotidiano como temática legítima do fazer poético, o rompimento com as formas clássicas de compor e o uso da linguagem coloquial como expressão de brasilidade.

No entanto, a estreia oficial de Drummond aconteceu em 1930, com a obra *Alguma poesia*. Nesse segundo momento, em meio a profundas agitações políticas, o desafio era consolidar as conquistas modernistas e redesenhar, de uma vez por todas, o curso da literatura no Brasil.

A ironia, a leveza e o espírito reacionário inicial, entretanto, logo dariam lugar a outro tom – mais universal e profundo. A queda da bolsa em Nova York instaurou uma crise econômica sem precedentes, e os vários países europeus, imersos em fome e pobreza, logo enfrentariam, também, uma grande Segunda Guerra Mundial. Drummond vai cantar esse “Sentimento do mundo”; sua voz se levantará em uma literatura participante, capaz de traduzir e irmanar o sofrimento humano.

No Brasil, a política cafeeira foi abalada com a queda das exportações; caem as oligarquias de Minas e São Paulo e, entre lutas e golpes, chegamos ao Estado Novo.

De fato da revolução de 30 ao golpe de 1937 a burguesia lutou pelo poder. Grupos fascistas, liberais ou de esquerda propunham projetos ao governo e esse ambiente transcendia aos limites da literatura que era “atravessada pelo debate” de maneira que a preocupação estética transforma-se em atenção aos problemas sociais. Mas este movimento das artes em busca de novos realismos, que respondessem às demandas do momento, estava ocorrendo em todo o mundo e não apenas no Brasil. Especificamente no país, com o término do Estado Novo e a retomada do regime democrático, a literatura social já havia quase cessado. O contexto da Guerra Fria e as posições sectárias da esquerda provocaram certo desânimo entre os intelectuais que tenderam a um trabalho mais reservado sem preocupações explicitamente políticas. Com A rosa do povo de Drummond, Lira paulistana de Mario de Andrade o Modernismo esteve bem próximo de pôr no centro de sua poesia o conflito de classes. Mas o que se sucedeu, e sem uma explicação convincente, foi um recuo formal e ideológico.

LUCENA, Mônica Jácome de. *Ressentimento e melancolia na poética Drummondiana de Claro enigma*. 153 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Nesse novo contexto é que se instaura *Claro enigma*. Drummond, ao contrário de alguns autores da geração de 45, vai além da simples reprodução ou adoção das formas clássicas. Ele as reconstrói; dialoga com a estrutura, dando-lhes o timbre maduro de um escritor que forjou – na seriedade, no compromisso e na prática – um estilo próprio.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Poesia

- *Alguma poesia* (1930)
- *Brejo das almas* (1934)
- *Sentimento do mundo* (1940)
- *José* (1942)
- *A rosa do povo* (1945)
- *Novos poemas* (1948)
- *A máquina do mundo* (1949)
- *Claro enigma* (1951)
- *Viola de bolso* (1952)
- *Fazendeiro do ar* (1954)
- *Soneto da buquinagem* (1955)
- *Lição de coisas* (1964)
- *Versiprosa* (1967)
- *José & outros* (1967)
- *Boitempo & a falta que ama* (1968)
- *Nudez* (1968)
- *D. Quixote* (1972)
- *As impurezas do branco* (1973)
- *Menino antigo (Boitempo II)* (1973)
- *Minas e Drummond* (1973)
- *Discurso de primavera e algumas sombras* (1977)
- *Esquecer para lembrar (Boitempo III)* (1979)
- *A paixão medida* (1980)
- *Nova reunião – 19 livros de poesias* (1983)
- *O elefante* (1983)
- *Caso do vestido* (1983)
- *Corpo* (1984)
- *Mata Atlântica* (1984)
- *Amar se aprende amando* (1985)
- *Pantanal* (1985)

- *Poesia errante* (1988)
- *Arte em exposição* (1990)
- *O amor natural* (1992)
- *A vida passada a limpo* (1994)
- *Farewell* (1996)

Antologia poética

- *Poesia até agora* (1948)
- *A última pedra no meu caminho* (1950)
- *50 poemas escolhidos pelo autor* (1956)
- *Antologia poética* (1962)
- *Seleção em prosa e verso* (1971)
- *Amor, amores* (1975)
- *Carmina Drummondiana* (1982)
- *Boitempo I e Boitempo II* (1987)
- *Minha morte* (1987)

Crônica

- *Fala, amendoeira* (1957)
- *A bolsa & a vida* (1962)
- *Cadeira de balanço* (1966)
- *Os dias lindos* (1977)
- *Crônica das favelas cariocas* (1981)
- *Moça deitada na grama* (1987)
- *Vó caiu na piscina* (1996)

Conto

- *O gerente* (1945)
- *70 historinhas* (1978)
- *Contos plausíveis* (1981)
- *O pipoqueiro da esquina* (1981)
- *História de dois amores* (1985)

Aspectos gerais da produção literária do autor



A obra de Drummond pode, para fins didáticos, ser subdividida em quatro fases:

- **Gaúche (1930-1940):** *gaúche*, em francês, significa “lado esquerdo”. Representa o ser que se sente torto, desajustado, incapaz de comunicar-se com a realidade; a quem resta somente o isolamento em seu próprio “canto”, em sua própria palavra. Nesta fase, sua obra é marcada por reflexões metalinguísticas e existenciais, pelo individualismo, humor e ironia (poema-piada). Figura um “eu” maior que o mundo. Destacam-se as obras *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934).
- **Social (1940-1945):** o poeta manifesta sua preocupação com o mundo. Talvez porque o *gaúche* percebesse que o desajuste não é individual, mas sim de toda a espécie humana. Figura o “eu” menor que o mundo; as questões sociais (como a política e a guerra) são mais importantes. Surge a poesia histórico-engajada que consagrará o poeta. *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942) e *A rosa do povo* (1945) são as obras de destaque dessa fase.

- **Negação (1950-1960):** fase marcada pela desilusão com os caminhos políticos de sua poesia; há constantes interrogações e negações que acabam por revelar o imenso vazio dos homens. Figura um “eu” igual ao mundo; nossa condição nos irmana – somos frágeis, efêmeros. O poeta se volta para a produção de uma poesia clássica, metafísica, reflexiva, abordando de forma pessimista temas como a morte, o tempo, o amor. Há também, nesta fase, a experimentação da poesia-objeto, concreta, que se volta para aspectos fônicos e estruturais da composição da palavra. Pertencem a esta fase as obras *Claro enigma* (1951), *Fazendeiro do ar* (1955), *Vida passada a limpo* (1959) e *Lição de coisas* (1962).
- **Memória (1970-1980):** além de temas universais, o poeta revisita e aprofunda outros que nortearam toda sua obra: a infância, a família, o pai, Itabira, o humor cotidiano etc. Assume-se aqui um tom memorialístico, em que o “mundo” determina o “eu”, o qual se constitui de somatória, multiplicidade, experiência. A série *Boitempo* (1987) é a principal dessa fase e a *Farewell* (1996), publicada postumamente, apresenta todas essas características.

Observação:

A palavra *ennui* pode ser traduzida por “tédio” ou “aborrecimento”; o termo também se relaciona intimamente com o conceito de *spleen*, que é o estado de tristeza.

Glossário

- **Epígrafe:** frase que, colocada no início de um livro, um capítulo, um poema etc., serve de tema ao assunto, para resumir o sentido ou situar a motivação da obra.

Aspectos gerais sobre a obra analisada

É o próprio autor quem cita o poeta Paul Valéry e anuncia na epígrafe da obra: “*Les événements m’ennuient*”, ou seja, “Os acontecimentos me entediam”. Deve-se esperar, portanto, poemas desvinculados dos fatos, independentes dos acontecimentos, que traduzem o tédio e a frustração de toda uma vida. Aliás, os poemas são independentes até mesmo entre si; foram publicados, primeiramente, em jornal – avulsos, inteiros, aleatórios – e mais tarde, sem ter “em mira selecionar poemas pela qualidade, nem pelas fases que acaso se observem em sua obra poética”¹, foram compilados. A epígrafe, então, dá o tom, apresenta o ponto de convergência dos poemas apresentados.

Eduardo Francisco Junior, estudioso na área literária, diz que a epígrafe usada por Drummond cria ligações entre os poemas, ressaltando que não seria notada a ligação entre *Claro enigma*, o *ennui* e o *spleen*, dos poetas do século XIX. O estudioso também diz que, quando o poema é relacionado ao tédio e à melancolia, ele passa a responder à demanda de outros poemas.

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O título da obra também propaga parte da intencionalidade do poeta. É provocativo, não inspira confiança, pelo contrário; o oximoro “claro enigma” instaura uma instabilidade dicotomizada pelo revelar ou esconder. Como pode haver clareza naquilo que se pretende ocultar?

Nos escritos barrocos, o uso de antíteses e paradoxos revelava os conflitos de um coração teocêntrico, que não encontrava no antropocentrismo todas as respostas de que precisava; teria o homem drummondiano encontrado a cura para as mazelas humanas?

Drummond escreveu *Claro enigma* no final dos anos 1940, período em que se vivia a Guerra Fria e a ameaça de uma bomba atômica; o mundo estava dividido entre capitalismo e comunismo. Dessa forma, o homem, oprimido por ideologias, dispensa militâncias e se conforma com sua situação.

O título, portanto, não apresenta uma solução, não promete que se encontre uma resposta. Troca a esperança da fase anterior por um profundo desencanto e por muitas incertezas – enigma – a serem clarificadas, talvez, no próprio percurso de leitura, pois, quanto mais poemas são lidos, mais ampla a visão da condição humana sob a ótica do poeta e da sua perplexidade.

Podemos notar ainda que, ao contrário de várias antologias, o título não protagoniza um poema, vindo a aparecer inscrita na última estrofe do soneto “Oficina irritada”.

Para a crítica, a obra *Claro enigma*, com sua abordagem clássica e evasiva, representava – a princípio – um equívoco, um retrocesso. Entretanto, a contribuição de análises mais comprometidas ressignificaram a obra, redimensionando-a no contexto da produção drummondiana. Luiz Costa Lima refere-se a *Claro enigma* como obra regida pelo princípio da corrosão – instauração do vazio pela desistência do desgaste, pela busca do esquecimento; a negação seria a forma de se aprender a existência.

Para Afonso Romano Sant’Anna, o tema nuclear da obra de Drummond é o tempo. Superar o tempo seria fixar o ser para além da existência. Entretanto, o homem é corpo, finito, perecível e “o mundo não vale o mundo”. Como fazê-lo? Através de seu canto, através de sua poesia.

A linguagem poeticamente articulada pode salvar o homem da destruição total, na medida em que o leve ao conhecimento de si mesmo e a perpetrar uma obra que sobreviva ao seu corpo. Pela linguagem, o indivíduo pode aprisionar o tempo e libertar-se da morte.

SANT’ANNA, Afonso Romano. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. [s.l.]: Documentário, 1977.

Glossário

- **Oximoro:** figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão; paradoxismo.
- **Dicotomizar:** dividir em duas partes.
- **Antologias:** coleção de textos em prosa e/ou em verso, geralmente de autores consagrados, organizados segundo tema, época, autoria etc.
- **Aprender:** assimilar mentalmente, abarcar com profundidade; compreender, captar.

Outro viés viria do imaginário amoroso; o autor reconhece os limites de sua poesia em relação ao processo histórico em que vive, aos limites do tempo e, dessa forma, reconstrói na temática amorosa um lugar de evasão e liberdade; de superação. No poema “Campo de flores”, Drummond fala desse amor e da sua superação.

*Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.*

*Eis que eu mesmo me trono o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.*

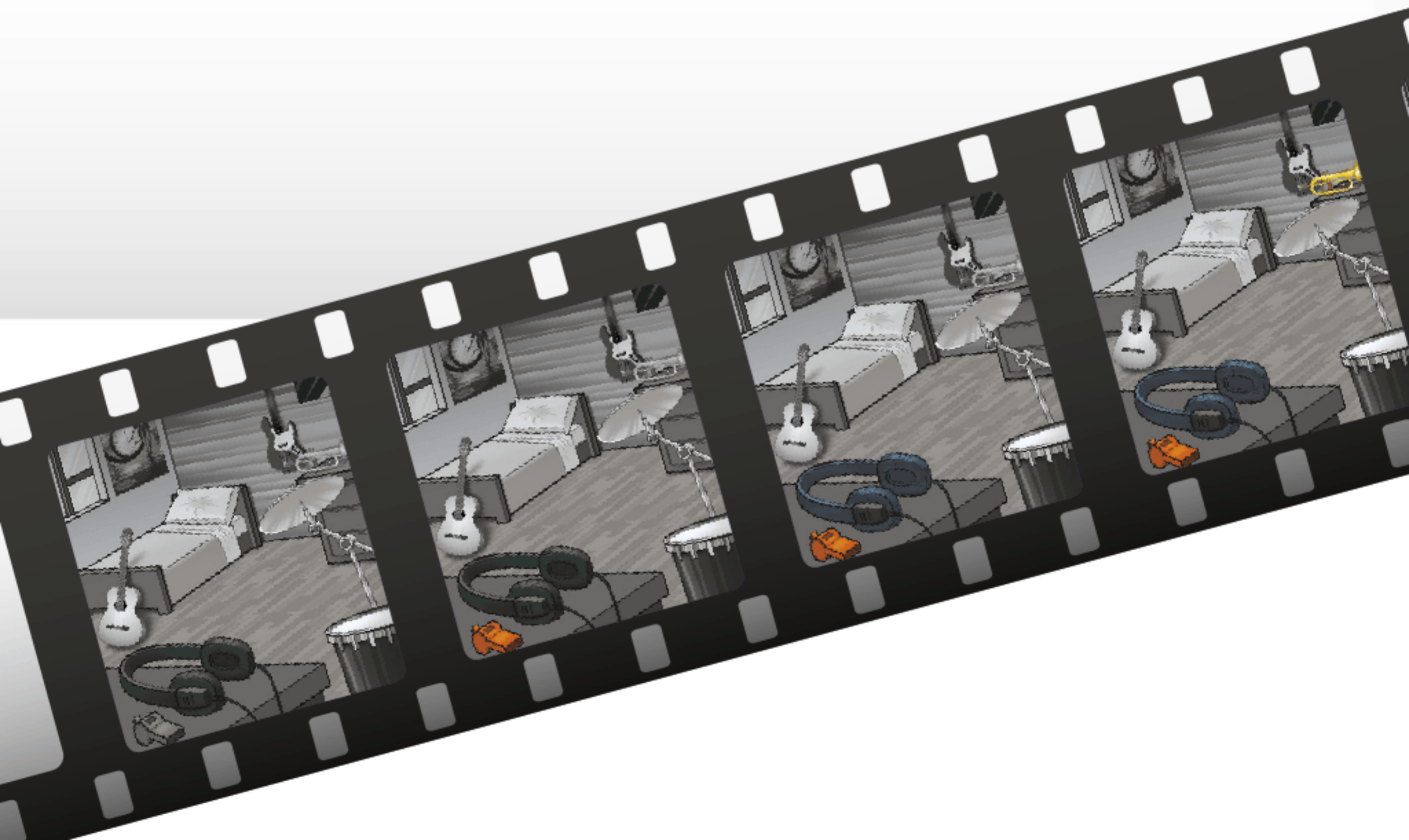
“Campo de Flores”.

Vagner Camilo, em seu livro *Da rosa do povo à rosada treva*, diz que o teor melancólico e intimista do

poeta em *Claro enigma* não deve ser associado à alienação social e política. Sua resignação é fruto de uma consciência de fracasso que ora pende para a passividade, para o desejo de tudo esquecer, ora para a agressão, como se vê na terceira estrofe do poema “Oficina irritada”: “há de pungir, há de fazer sofrer”.

Pela poesia, Drummond “se vinga” de sua condição e imortaliza-se. A palavra é, literalmente, para onde o poeta projeta sua angústia; de volta a Minas. Surgem, neste momento, as reminiscências da infância, a presença evocada do pai, o consolo da mãe, a máquina do mundo que aparece a partir da caminhada pela estrada pedregosa do seu estado. Sua terra será o reencontro – consigo e com os outros –, solo fértil para a reconstrução de um mundo em ruínas.

Linguagem



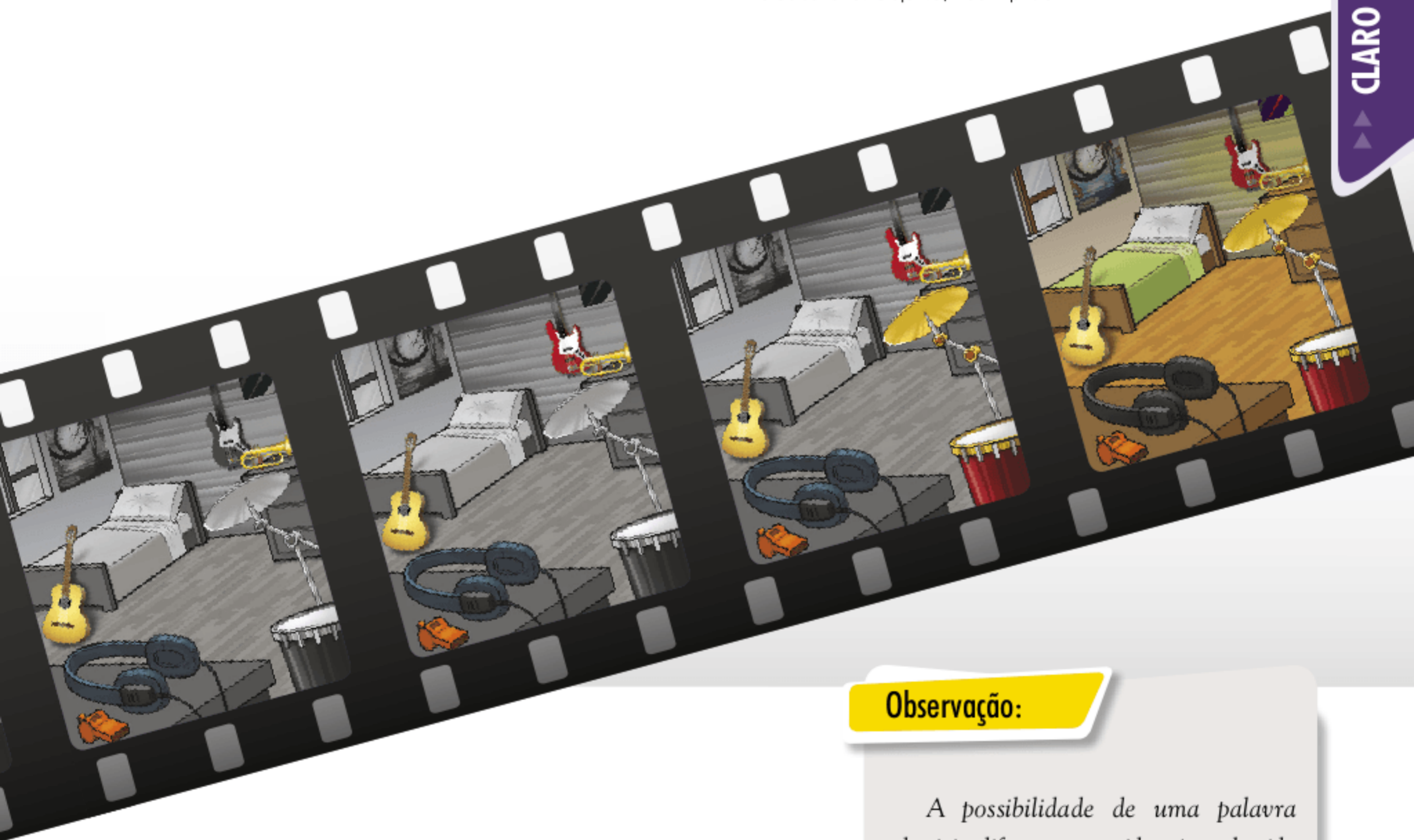
Seguindo a trajetória de Drummond em Claro enigma, visitar-se-á cada uma das ruínas que o poeta constrói diante de nós – a ruína da família e do patriarcado, a ruína do amor e suas lições, a ruína da memória e do esquecimento, a ruína do país e sua história e a ruína inevitável do Ser pelo tempo –, para no fim constituir um homem, um brasileiro na sua inteireza e, de sua completude, apreender uma forma singular de Ser humano, Ser brasileiro que poderá ser uma referência para outros que desejem contrapor os paradoxos da existência aos da nação.

SACHETT, Gabriel Costa. *Drummond: a origem de um enigma*. 144 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2012.

Para Ítalo Moriconi, este é o melhor livro de poesias do século XX:

Todas as conciliações e reconciliações são dramatizadas no palco do livro Claro enigma que é, sem sombra de dúvida, não apenas o melhor livro de poesia do século, como também a obra mais exemplar do significado profundo do deslocamento estético e intelectual representado pelo modernismo canônico.

MARCONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 90.



Observação:

A possibilidade de uma palavra adquirir diferentes sentidos é conhecida como polissemia (poli = vários; sema = sentido). Dessa multiplicidade, advém o diferencial do texto literário: pode ser lido por diferentes pessoas, em diferentes épocas e fazer emergir diferentes sentidos.

É na possibilidade de ser revisitado e de a cada nova análise sugerirem outros sentidos que reside a qualidade da obra de Drummond; da chamada polissemia é que sobrevive a poesia. O bom texto literário é aquele que foge ao sentido usual das palavras e possibilita-lhes novas roupagens. Nesse contexto, diremos que cada poema se impõe ao leitor como um enigma a ser desvendado.

Deve-se ler os poemas e reconhecer as palavras, os pensamentos, a sonoridade e a construção; nas mãos exímias do mestre, cada inversão, cada contradição, cada combinação pode abrir uma janela de sentidos. Há, em *Claro enigma*:

<i>Antíteses e paradoxos</i>	<p>No poema “<i>A um varão, que acaba de nascer</i>”, podemos vivenciar a antítese, veja:</p> <p>“[...] <i>Crepita uma fogueira Que não aquece. Longe. [...]</i>”</p> <p>“<i>A um varão, que acaba de nascer</i>”</p> <p>Já em “<i>Dissolução</i>”, podemos observar um exemplo de paradoxo.</p>
<i>Metáforas inesperadas</i>	<p>“[...] <i>Uma teia se tecendo e sem trabalho de aranha [...]</i>”</p> <p>“<i>Quintana's bar</i>”</p>
<i>Imagens sinestésicas</i>	<p>Podemos observar que há trechos sinestésicos no poema “<i>Opaco</i>”.</p>
<i>Personificações</i>	<p>Podemos notar personificações nos poemas “<i>A um varão, que acaba de nascer</i>” e “<i>Um hai vê os homens</i>”.</p>
<i>Apelos sonoros</i>	<p>“[...] <i>Onda e amor, onde amor, anda indagando [...]</i>”</p> <p>“<i>Entre o ser e as coisas</i>”</p>
<i>Estruturas paralelísticas</i>	<p>“[...] <i>De seu nariz fino e frágil, De sua alma fina e frágil, De sua certeza frágil Frágil frágil frágil frágil [...]</i>”</p> <p>“<i>Os bens e o sangue</i>”</p>

Outra janela aberta em *Claro enigma* é a polifonia – presença de outros textos em uma obra –, seja como citação ou referência direta ou indireta; é o diálogo que Drummond estabelece com outras fontes. A polifonia

enriquece um texto porque proclama um sentimento congregado, comunitário. A voz que hoje ressoa se apoia em muitas outras, sendo essa multiplicidade a exata tradução do que sentimos enquanto humanos; não somos os primeiros a experimentar essa dimensão de amor, dor ou ilusão; outros já perpassaram por esse caminho. Por outro lado, a polifonia também revela a tradição de um autor – sua herança cultural e estética.

Em *Claro enigma*, há citações referentes a:

<p><i>Mitos</i></p> <p>Referências à mitologia greco-romana:</p>	<p>“[...] Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, [...]”</p> <p>“Legado”</p> <p>“[...] Nem Fausto, nem Mefisto, [...]”</p> <p>“Sonetinho do falso Fernando”</p>
<p><i>Obras clássicas</i></p> <p>“A máquina do mundo”, de <i>Os Lusíadas</i>.</p>	<p>“[...] A máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia [...]”</p> <p>“A máquina do mundo”</p>
<p><i>Artistas clássicos</i></p>	<p>“[...] como o de Catarina Kippenberg aos pés de Rilke.”</p> <p>“Aspiração”</p> <p>No poema “Aniversário”, podemos notar que Drummond cita o músico Mozart.</p>
<p><i>Autores modernistas</i></p>	<p>O poeta cita:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Márcia de Andrade</i> através de <i>Macunaíma</i>, no poema “Aniversário”; • <i>Manuel Bandeira</i> através de “Pasárgada”, em <i>Chamado</i>; • <i>Márcia Quintana</i>, em “Quintan”.
<p><i>Expressões populares</i></p>	<p>“[...] Onde e amar, onde amar, anda indagando [...]” “[...] — Não judie com a menina, campadre.”</p> <p>“— Não torça tanto o pepino, major.”</p> <p>“— Assim vai crescer mafina, sinhô! [...]”</p> <p>“Os bens e o sangue”</p> <p>No poema “A mesa” podemos encontrar a expressão: “sair melhor que a encomenda”.</p>
<p><i>Sua própria obra anterior</i></p>	<p>No poema “Legado”, Drummond menciona um trecho do poema “No meio do caminho”, também de sua autoria.</p>

Estrutura

O livro é composto de quarenta e dois poemas, subdivididos em seis partes. Os poemas seguem padrões clássicos de escrita – como sonetos, combinações de dísticos e de tercetos –, mas também padrões modernistas, sem rimas e sem regularidade métrica, incluindo, até mesmo, uma prosa poética – “Quintana’s bar”. Para facilitar nossa compreensão da obra em sua totalidade, vejamos qual a proposta de cada poema escrito por Drummond.

Parte I:

Entre Lobo e Cão



Novamente, somos surpreendidos por uma antítese: temos no lobo o animal de caça, predador, agressivo, isolado em sua alcateia, enquanto temos no cão a proximidade do animal doméstico, companheiro, servidor leal. Dessa forma, o poeta demarca a oscilação entre a agressividade e a passividade do eu lírico diante dos conflitos enfrentados. Pode fazer também referência às constelações do Hemisfério Sul, reproduzidas, inclusive, na bandeira brasileira – que retrata o céu no dia da Proclamação da República: Cão Maior, Cão Menor e Lupus (localizada perto de Hidra). A maior parte dos poemas selecionados nesta seção são crepusculares e dialogam com a noite. Vejamos:

- **Dissolução:** composto de sete estrofes – seis quadras e uma quintilha de versos brancos –, o poema insere o leitor no tom filosófico que permeará toda a obra. Expressões como “aceito a noite”, “braços cruzados”, “hesitando” e “calamo-nos” ressaltam a passividade e a aceitação.

- **Remissão:** organizado em forma de soneto decassílabo e de rimas simétricas, “Remissão” evoca o tempo em tom pessimista; que “evapora no fundo do teu ser”. A poesia, isto é, o “exílio das palavras”, seria sua única alegria.
- **A ingaia ciência:** a palavra “ingaia” não é dicionarizada; uma hipótese é a de que tenha sido formada a partir do adjetivo “gaio” – “alegre”, “jovial” – acrescentando-lhe o prefixo latino *in-*, marca da negação. Na obra, a maturidade, ao trazer a sabedoria, traz consigo também a infelicidade – leva embora a ingenuidade, a surpresa, a leveza – e apresenta a vida como um “círculo vazio”, uma “existência sem sonho”.
- **Legado:** soneto de versos alexandrinos e rimas regulares; nele, o poeta se pergunta qual seria sua contribuição para este mundo, mas – em tom pessimista – declara não deixar após si nenhum “canto radioso”, apenas “uma pedra no meio do caminho”, fazendo alusão à sua primeira obra *Alguma poesia*. É como se o artista reconhecesse que seu maior legado não são os versos clássicos que agora evoca, mas a polêmica instaurada com sua obra modernista.
- **Confissão:** poema organizado em quatro estrofes, de quatro versos. O eu lírico confessa sua falta de solidariedade, de piedade, o fato de até agora não ter “amado ninguém”. Ironicamente, seu amor voltou-se apenas para o insólito, o inesperado.
- **Perguntas em forma de cavalo-marinho:** versos de quatro sílabas métricas (exceto o quarto), organizados em quatro estrofes. Neles, o poeta se questiona sobre a métrica, a forma e o conteúdo do próprio homem. A imagem plástica do cavalo-marinho é evocada na pequenez dos versos e na reiteração das interrogações.
- **Os animais do presépio:** são onze tercetos, sendo que todos apresentam seis sílabas métricas. De tom bucólico, saúda o memorável cenário cristão. O eu lírico enuncia as características dos seres que compõem o presépio para, irmanando-se a eles, declarar “sou burro”, “sou boi”, “sou anjo”.
- **Sonetinho do falso Fernando Pessoa:** assim como Fernando Pessoa em seus muitos heterônimos, o eu lírico vive a angústia da duplicidade.
- **Um boi vê os homens:** quase uma prosa poética, o poema é composto de 24 versos divididos em duas estrofes. Sob uma perspectiva pessimista e inusitada, um boi contempla o homem e o descreve com compaixão e perplexidade.
- **Memória:** nos quatro tercetos que o compõem, o eu lírico evoca a efemeridade das coisas e dos sentimentos humanos. Aquilo que nos parece “tangível” pode se perder, enquanto as “coisas findas” podem ser eternizadas na memória.

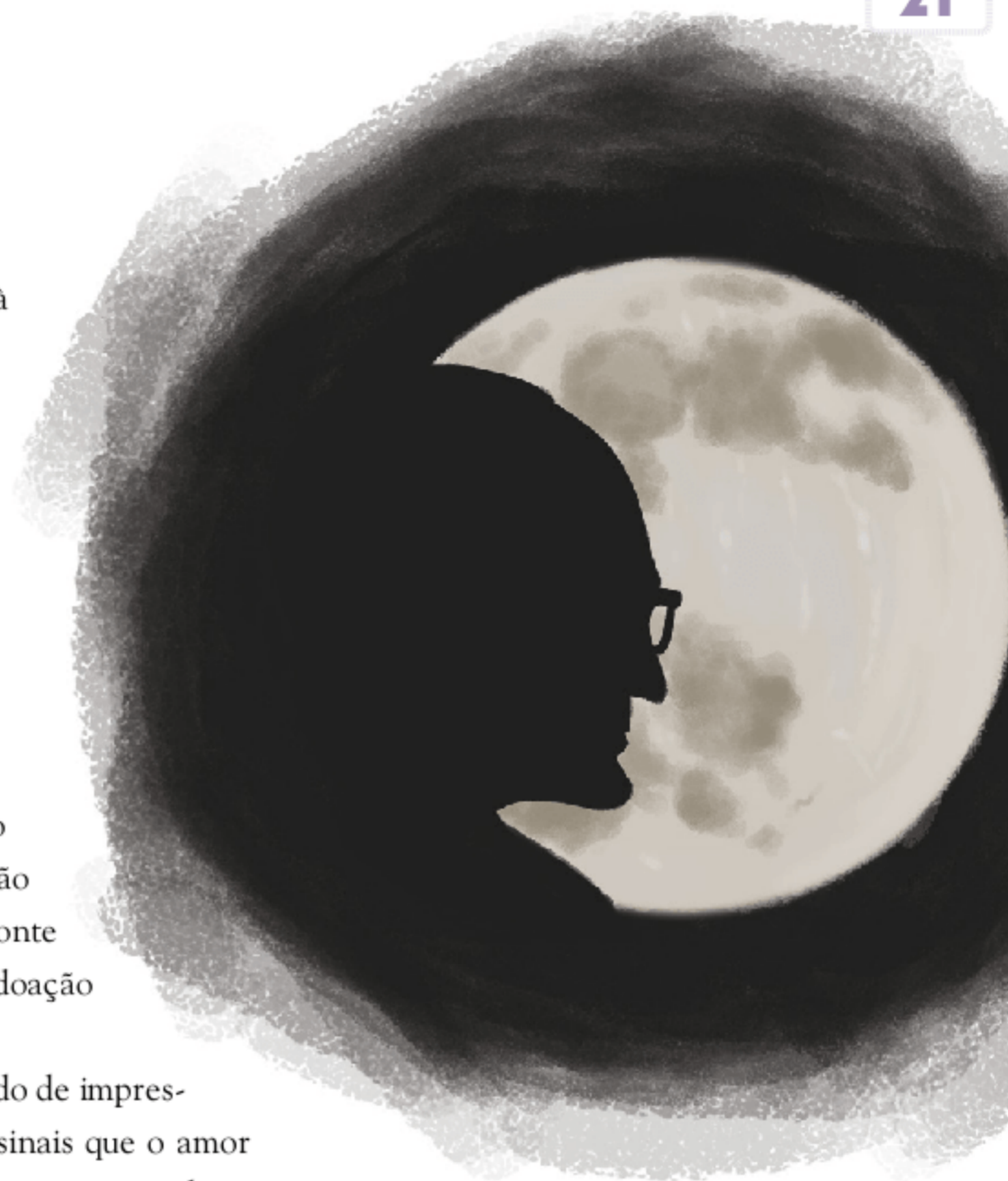
- A tela contemplada: soneto decassílabo e metalinguístico, retrata a vida como “um suspiro sem paixão” e o poema como um quadro em que pintaram solidão e ausência.
- Ser: composto de cinco quadras e um dístico, o poema nos apresenta um filho encontrado nas nuvens, abstrato nas grutas, que se manifesta como um hálito. Um filho que não se fez e que hoje seria um homem. Este poema permite uma leitura biográfica, já que Drummond teve um filho – Carlos Flávio – que morreu logo após o nascimento.
- Contemplação no banco: poema dividido em três partes, contendo versos livres e brancos. Como quem observa um espetáculo que ocorre diante de si, o eu lírico menciona uma flor que nasce do chão onde todos pisam. Depois, evoca o nascimento de um novo homem, superior à vontade dos pais, da medicina ou da política; um homem que se sobrepõe às “ervas pisadas”, mas que não pode ser descrito com palavras exatas.
- Sonho de um sonho: são sete estrofes em que se apresenta um sonho dentro do outro, compondo uma atmosfera onírica em que todos os devaneios compõem falsidades, desilusões e desencantamentos.
- Cantiga de enganar: longo poema apresentado em estrofe única, sendo uma ode à negação. O eu lírico descarrega todo o seu pessimismo, declarando o mundo um lugar “que não vale”, onde ele não se encontra, com o qual não se identifica. No último verso, aparece a palavra “Mundo”, com maiúscula, como se representasse um lugar ideal, contrapondo-se ao que se tem.
- Oficina irritada: soneto de teor metalinguístico, é, talvez, o mais agressivo de toda a obra. Nele, o eu lírico declara sua “profissão de fé”, tal qual o fazer parnasiano. Ele quer um verso escuro, seco, intratável. É nele que se nota o título da obra: “claro enigma”.
- Opaco: cinco estrofes que configuram uma atmosfera urbana, com seus motores e edifícios. A princípio, a vista não alcança o luar, porque é barrada pelos edifícios. No final, porém, o eu lírico confessa que o único impedimento para que a vista se projete é ela própria.
- Aspiração: organizado em quatro quartetos, confirma o tom pessimista, a constante negação e a tentativa de olvido e distanciamento manifestados desde o primeiro poema da obra. Drummond busca “a indiferença capaz de sustentar a vida”, “um fim sem a injustiça dos prêmios”.

Parte II:

Notícias amorosas

A segunda parte do livro é dedicada à lírica amorosa. Para os românticos, o amor era evasão e, em plenitude, desejo de morte. Em Drummond, vemos o desencanto e a dor, o amor como mais uma forma de desilusão.

- Amar: cinco estrofes em uma sequência de dois sextetos, duas quintilhas e um dístico. A pergunta feita é se existe algo que possa ser feito se não amar, apontando o amor como condição do homem. Só que o amor não será fonte de alegria: será compulsória busca, “doação ilimitada” a uma concha vazia.
- Entre o ser e as coisas: soneto carregado de impressões sonoras, em que se verificam os sinais que o amor imprimiu nas coisas. Ele, entretanto, é apresentado em sua natureza corrosiva, que fere e arde, como fogueira ao fim do dia.
- Tarde de maio: em tom de prosa, distribuem-se quatro estrofes de nove versos – brancos e livres. Nele, o eu lírico, dirigindo-se à tarde de maio, lamenta seu estado de solidão.
- Fraga e sombra: soneto decassílabo em que a noite serve como matéria plástica para a descrição do encontro amoroso. O amor é descrito como uma forma de isolamento em que prevalece a vontade de se anular e se esvair.
- Canção para álbum de moça: quarenta e oito versos em redondilha maior, em uma única estrofe. A simplicidade e a leveza instauram no poema um ar de “balada”; o eu lírico intenta a aproximação com diversas estratégias de “bom dia”, mas a moça permanece indiferente, e ele mergulhado em sua própria escuridão.
- Rapto: vinte e cinco versos em uma única estrofe. O poema evoca “outra forma de amar no acerbo do amor”, trata do amor homoerótico. É bem provável que se refira ao mito grego do “Rapto de Ganimedes” em que Zeus, atordoado pela beleza do príncipe troiano, traveste-se de águia, rapta e possui o rapaz em pleno voo.
- Campo de flores: oito estrofes a entoar um amor maduro que, mesmo nascendo fora do tempo, enche o eu lírico de esperança, como um campo de flores.



Glossário

- **Intentar**: ter o intento de; tensionar, planejar, projetar.

Parte III:

O menino e os homens

Assumindo um tom memorialístico, o menino drummondiano – com o mesmo tom pessimista, negativo e existencialista – revisita os “homens” que o influenciaram, ou seja, suas referências. A memória, aqui, poderia ser uma forma de superar o tempo, de vencer e imortalizar o homem; entretanto, é ainda lembrança que corrói, configurando-se apenas mais uma experiência de dor.

- A um varão, que acaba de nascer: é um longo poema de estrofe única. Nele se saúda o varão que acaba de nascer, chamado de Pedro e de “irmão” pelo eu lírico. O nascer e o viver, entretanto, são vistos como experiências pesadas, desencontradas no tempo, desajustadas nos seres.
- O chamado: o poema possui cinco quartetos com rimas regulares, fazendo referência a Manuel Bandeira. O eu lírico encontra-se com o poeta em uma rua escura e os dois travam um rápido diálogo.
- Quintana's bar: prosa poética, organizada em parágrafos, transporta-nos até um velho bar, onde o eu lírico e o poeta se encontram e conversam. Há várias referências intertextuais, citando a obra dos dois poetas: Drummond e Mário Quintana.
- Aniversário: sete quartetos com rimas regulares. Embora o título nos leve a crer em uma comemoração da vida, o poema trata da comemoração de um aniversário de morte, não de nascimento. Na verdade, Drummond fala da morte de Mário de Andrade, com quem trocava cartas.



Parte IV:

Selo de Minas



A seleção que se fez nesta parte evoca, em uma proposta autobiográfica, Minas e a família Drummond. O poeta revisita lugares da Minas Colonial como se, perpassando-os, pudesse eternizá-los.

- Evocação Mariana: quatro estrofes de versos livres e brancos. O poema descreve um culto religioso, provavelmente uma missa, e a atmosfera da igreja.
- Estampas de Vila Rica: é organizado em cinco partes:
 - I. Carmo: três quartetos. O poema refere-se à Igreja Nossa Senhora do Carmo, ressaltando a vida impregnada em cada antigo – e morto – detalhe que a compõe. Pede para que ela não seja tocada, violada, remexida.
 - II. São Francisco: cinco quartetos em que outro templo é saudado: a Igreja de São Francisco, deslumbrantemente talhada por Aleijadinho e onde ricas obras do Mestre Ataíde são mantidas.
 - III. Mercês de Cima: a Igreja de Mercês de Cima possui, em pedra-sabão, a Virgem esculpida de

braços abertos; o poema – um único quarteto –, entretanto, chama atenção para a prostituta em frente à igreja, contrastando o sagrado e o profano, o espiritual e o erótico.

- IV. Hotel Toffolo: as suas três estrofes evocam mais um ponto de referência da cidade; o eu lírico recebe o aviso de que não haveria serviço de jantar; a partir daí, segue-se uma exaltação ao alimento cultural invisível, à antropofagia.
 - V. Museu da Inconfidência: o que deveria ser um lugar de reconstrução e manutenção do passado recebe, em quatro estrofes, uma conotação de eco, aroma e pranto – nuances do que se foi sem poder concretizá-lo.
- Morte das casas de Ouro Preto: são doze estrofes de sete versos que, como uma metáfora da própria história, lamentam a destruição das casas e de outros monumentos da cidade de Ouro Preto. Há, na última estrofe, intertextualidade com o poeta da inconfidência Cláudio Manuel da Costa, de produção árcade, cuja musa inspiradora era Nize.

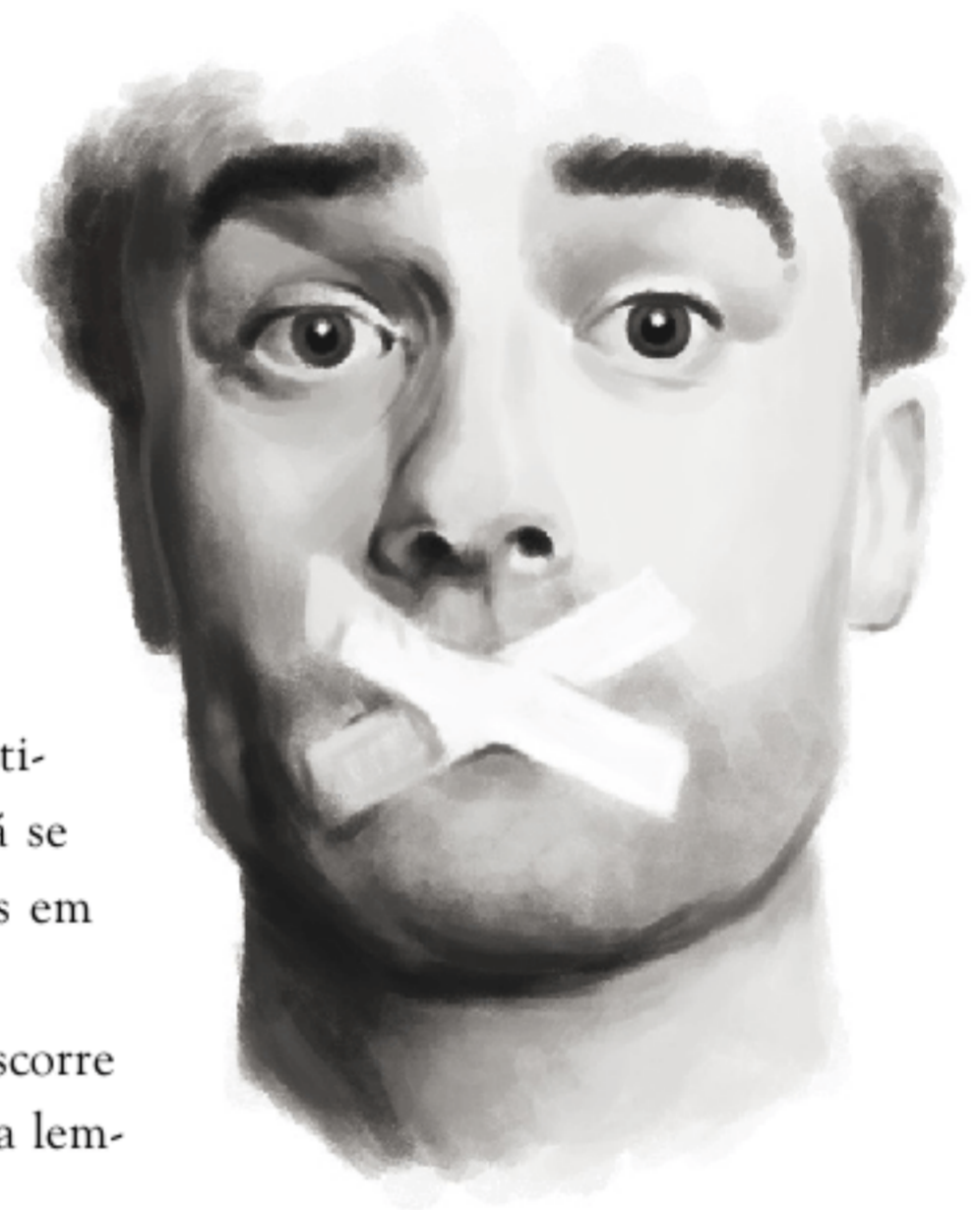
- **Canto negro:** onze estrofes irregulares retratam a vivência escravocrata do eu lírico, amamentado em seios negros e cheirando a cachimbo da negra na cozinha. Retratam negros na escola, nos afazeres, nas calçadas, enfim, várias pessoas que marcaram sua trajetória.
- **Os bens e o sangue:** riqueza e dor; posse e vínculo. Dividido em oito partes, o poema menciona uma partilha de bens, revelando a decadência de uma família tradicional. O eu lírico lamenta a escassa descendência dos seus e projeta a imagem de um futuro descendente em que não terá nenhuma ligação com esses bens, nem com essa terra. É retrato de uma cena biográfica, visto que a partilha, de fato, aconteceu na história da família de José Francisco de Andrade, rico explorador aurífero oitocentista, em 1847.

Parte V:

Lábios cerrados

Nesta parte de *Claro enigma*, apresentam-se poemas de tom memorialístico e autobiográfico, em uma abordagem ainda mais pessoal do que a seção Selo de Minas. Lábios cerrados sugerem silêncio, resignação, introspecção. Aqui, os amados – como o pai – se tornam ausência, e o que resta ao eu lírico é aceitar a separação e a morte.

- **Convívio:** os versos, livres e brancos, sugerem uma prosa poética. Neles, fala-se sobre a presença/ausência dos mortos que já se foram, levados pelo tempo, mas que podem permanecer vivos em nossa memória.
- **Permanência:** em duas estrofes com tom de prosa, o poema discorre a separação entre aqueles que se amam e sobrevivem apenas na lembrança.
- **Perguntas:** em cinco estrofes de versos com seis sílabas métricas, o eu lírico relata seu diálogo com um “fantasma”, em que se questiona o motivo de tantas lembranças, o porquê de tantas memórias que, não raro, provocam sofrimento e dor. A resposta vem no verso derradeiro: a razão de ser é “amar, depois de perder”.
- **Carta:** cinquenta e dois versos, de seis sílabas métricas, em uma só estrofe; neles, o eu lírico revela seu desejo de escrever uma carta de amor e saudade. Seu lamento, entretanto, é desejar uma carta sem obter resposta.
- **Encontro:** neste soneto, o eu lírico resgata, por sonho/imaginação, o pai que já morreu. Fala de seu legado e das coisas eternas que deixou.
- **A mesa:** poema longo, de uma única estrofe. O eu lírico projeta uma festa em comemoração aos 90 anos do pai. Tem-se a descrição dos usos e costumes da família patriarcal mineira, em que a “comida é pretexto” para o reunir-se. Descrevem-se os membros da família, as singelezas e discussões da parentela. O poema, entretanto, termina com a mesa vazia, pois toda a imaginação cessa, uma vez que o encontro foi apenas ilusão.



Parte VI:

A máquina do mundo



Sendo a parte final da obra, “A máquina do mundo” aborda o homem e o seu estar no mundo. Para as interrogações feitas até aqui, são oferecidas soluções que o poeta recusa; afinal, são os questionamentos que movem a vida.

- A máquina do mundo: são trinta e dois tercetos, de versos decassílabos e rimas regulares, à moda de Dante Alighieri, em *Divina Comédia*. Eleito por um júri da *Folha de S.Paulo* como o melhor poema brasileiro de todos os tempos, nele, o poeta – enfim – tem acesso à total explicação da vida.



A princípio, temos uma delimitação espaço-temporal do fato a ser narrado; a oscilação entre sentido denotativo e conotativo coloca o leitor na caminhada com o eu lírico, como se sua perspectiva também fosse interna. Em uma estrada de Minas, cheia de sons e de escuridão, uma máquina aparece; a princípio, ela não emite som; depois, olha, repara etc. O caminhante é indiferente aos apelos dela, baixa os olhos e desdenha da oferta. Após a rejeição, por fim, o eu lírico continua seu caminho, totalmente imerso na escuridão da noite.

A temática do engenho cósmico já havia sido recuperada por Camões, que, na estrofe 80 do canto X, lança:

*Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano se estende.*

FERREIRA, Bartholomeu (Frei). In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 4 ed. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões, 2000. p. 460.

Diferentemente de seus antecessores, porém, a máquina de Drummond já não oferecia segredos ou mistérios; talvez ele próprio já soubesse que qualquer resposta totalitária e definitiva sobre a vida seria apenas mais uma ilusão, mais um desencanto.

- **Relógio do rosário:** são vinte e dois dísticos, de rimas regulares. Neles, o relógio da igreja remete-se ao tempo; o choro do mundo compõe, com o do eu lírico, “um vasto coro”. Canta-se a dor de tudo e de todos; a dor de existir e a dor de amar.

QUESTÕES

- 1.** Explique o título “Claro enigma”.
- 2.** Para o crítico e historiador Sérgio Buarque de Holanda, “Os bens e o sangue” seria um dos mais emblemáticos da produção drummondiana, pois é representativo da reflexão, também presente em *Claro enigma*, sobre os possíveis elos entre o passado, a memória e a linguagem. No poema, leem-se – entre outros – os seguintes versos:

[...]
 Mais que todos deser damos
 deste nosso oblíquo modo
 um menino inda não nado
 (e melhor não fora nado)
 que e nada lhe daremos
 sua parte de nonada
 e que nada, porém nada
 o há de ter desenganado
 [...]

“Os bens e o sangue”.

- a) Explique por que o poema pode estabelecer um elo entre “passado, memória e linguagem”.
- b) Palavras cognatas são aquelas que provêm de uma mesma raiz. Observe o grupo de palavras em destaque:

NADO

NADA

NONADA

DESENGANADO

São palavras cognatas? Explique.

- 3.** Leia o poema “Legado” e relacione a trajetória poética de Drummond à sua última estrofe, explicitando possíveis interpretações para essa estrofe.
- 4. ITA** O livro *Claro enigma*, uma das obras mais importantes de Carlos Drummond de Andrade, foi editado em 1951. Desse livro, consta o poema a seguir.

Memória

*Amar o perdido
 deixa confundido
 este coração.*

*Nada pode o olvido
 contra o sem sentido
 apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
 tornam-se insensíveis
 à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
 muito mais que lindas,
 essas ficarão.*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Sobre esse texto, é correto dizer que

- A a passagem do tempo acaba por apagar da memória praticamente todas as lembranças humanas; quase nada permanece.
- B a memória de cada pessoa é marcada exclusivamente por aqueles fatos de grande impacto emocional; tudo o mais se perde.
- C a passagem do tempo apaga muitas coisas, mas a memória afetiva registra as coisas que emocionalmente têm importância; essas permanecem.

- D a passagem do tempo atinge as lembranças humanas da mesma forma que envelhece e destrói o mundo material; nada permanece.
- E o homem não tem alternativa contra a passagem do tempo, pois o tempo apaga tudo; a memória nada pode; tudo se perde.

5. Considerando o poema “Memória” e o livro *Claro enigma*, assinale a alternativa correta.

- A Ao contrário de grande parte dos poemas de *Claro enigma*, que exploram as formas poéticas clássicas, “Memória” retoma a estética do primeiro Modernismo, tanto pelos versos livres como pelo humor.
- B Apesar de possibilitar uma leitura fluida e ritmada, “Memória” aborda a temática da transitoriedade, opondo aquilo que é claro ao que é enigmático, procedimento característico dessa fase da poesia de Drummond.
- C A confusão a que o poeta se refere relaciona-se à temática predominante em *Claro enigma*, elemento responsável pela diferenciação entre essa obra e as anteriormente publicadas por Drummond: a temática amorosa.
- D A oposição entre “coisas tangíveis” e “coisas finidas” exemplifica o caráter religioso presente na poesia de Drummond desde sua estreia, em 1930, até os livros publicados postumamente.
- E Por se tratar de um soneto, a estrofe final resume a ideia central do poema: aquilo que já acabou pode se tornar belo mesmo que escape à memória, pois só a morte dá sentido à existência humana.

6. Leia o poema “Ser”, de Carlos Drummond de Andrade. Sobre o texto, as características do autor e a poesia modernista, avalie as afirmativas indicando se são verdadeiras (V) ou falsas (F):

- O diálogo com um ser virtual integra o complexo psicológico e emocional do poeta.
- Brisa, nuvem, objeto de ar e hálito são figuras de linguagem que expressam a virtualidade.
- Apoiar em meu ombro/seu ombro nenhum: o paradoxo utiliza a imagem física para indicar ausência.
- Lá onde eu jazia/não me percebeste: os versos referem-se a uma gruta ou concha.
- Uma conclusão correta para o texto: o filho que não fez faz-se por si mesmo onde nada, tudo aspira a criar-se, ou seja, é um ser que nasce na ampla dinâmica da vida.

7. Avalie se as proposições a seguir são verdadeiras ou falsas com relação ao poema “Ser”, ao livro, ao autor e à poesia brasileira moderna.

- A expressão “sentimento do mundo”, emblemática na poesia de Drummond na segunda fase modernista (entre 30 e 45), surge em uma reflexão mais intimista e existencial.
- O desalento que caracterizou o mundo no pós-guerra, com a bipolarização político-ideológica e a consolidação de um novo totalitarismo, explica em parte o desencanto do poeta, que antes havia produzido vários textos engajados à esquerda.
- Em termos formais, o poema é exemplo de amadurecimento do verso livre e da ironia, típicos da primeira produção modernista do autor.
- Outro aspecto estilístico relevante no texto é a preferência pelo uso da metáfora, da imagem intuitiva, da musicalidade, que denotam alguma influência do neossimbolismo.
- Se o poema e o livro denotam desencanto com relação ao engajamento político, esse mesmo engajamento à esquerda prosseguirá em parte da literatura e da MPB do final da década de 1950 até os anos 1970, em obras como as de João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Chico Buarque e Dias Gomes.

8. UFPR O poema “Legado” integra a primeira parte do livro *Claro enigma* (1951), a que o autor denominou “Entre lobo e cão”.

Legado

*Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.*

*E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.*

*Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.*

*De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 19.

Considerando o poema, sua relação com o livro e a poética de Carlos Drummond de Andrade, assinale a alternativa correta.

- A** O livro *Claro enigma* é considerado pela crítica como um marco na redefinição da poesia de Drummond por instaurar diálogo com as poéticas clássicas.
- B** Se anos antes Drummond havia escrito “no meio do caminho tinha uma pedra”, no verso final de “Legado”, observa-se a opção por uma expressão mais coloquial.
- C** O poema “Legado” tematiza a identidade nacional, vinculando-se aos modelos e perspectivas próprios do movimento Antropofágico.
- D** O poema “Legado” tematiza a inconstância do eu do poeta e das coisas do mundo e inaugura a vertente autobiográfica da poesia de Drummond.
- E** O último terceto trai a norma clássica de um soneto, pois apresenta a síntese do poema, da biografia e da trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade.

9. UEG Leia o poema a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, e responda ao que se pede:

Oficina irritada

*Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.*

*Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.*

*Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.*

*Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*.
48 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 251.

Ancorado em uma reflexão metalinguística, o poema “Oficina irritada” apresenta o ato poético sob uma perspectiva anti-idealizada.

Nesse sentido, localize no texto duas ideias expostas pelo eu lírico, na segunda e terceira estrofe, que confirmam esse anti-idealismo reinante.

10. UFPR

Leia, atentamente, o seguinte poema:

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
e o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?*

*Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.*

*Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.*

*Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.*

O poema “Amar” integra a segunda parte, “Notícias Amoras”, do livro *Claro enigma*, de Carlos Drummond de Andrade. Sobre esse poema, assinale a alternativa correta.

- A As indagações repetitivas, nas duas primeiras estrofes, reiteram a inviabilidade do amor diante de um mundo em que tudo é precível.
- B O poeta estabelece uma intensidade da manifestação do amor com relação ao belo diferente da intensidade do amor dispensado ao grotesco.

- C Para acentuar a condição inexorável de amar, o poema enumera coisas que, por sua concretude e delicadeza naturais, justificam o amor que já recebem.
- D O poema postula uma condição universal, na qual se fundem o sujeito, a ação praticada e os objetos a que essa ação se dirige.
- E A última estrofe é a chave explicativa desse soneto e reitera a ineficácia do amor diante de um mundo caótico e insensível.

11. UPF

Assinalar com V as afirmativas verdadeiras e com F as falsas, referentes à obra *Claro enigma*, de Carlos Drummond de Andrade.

- Drummond foi um dos poetas que expressaram em seus poemas o contexto do período pós-guerra. *Claro enigma*, no entanto, embora tenha sido publicada em 1951, é uma de suas obras que não exprimem os sentimentos provocados por esse período. Assim, não se encontram no livro poemas marcados pelo pessimismo e por uma visão apocalíptica relativa ao destino da civilização.
- Os poemas são construídos a partir de uma clara consciência drummondiana do mundo e da sociedade.
- A memória, a história, o sentimento do amor são recursos essenciais da obra. Por eles Drummond revela um transcendentalismo que emerge de uma visão histórico-profética das ações humanas.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- A V-V-F C V-F-F E F-F-V
- B F-V-V D V-F-V

12. A visão de vida e de mundo que Drummond apresenta em *Claro enigma* é pessimista e melancólica. O eu lírico vive a angústia e a opressão do tempo e procura refugiar-se em suas memórias, em terra, em sua arte. Escreva uma carta em que você, utilizando versos da obra, discuta essa dimensão de ser e apresente ao poeta, mesmo no contexto em que estava inserido, novas formas de encarar a vida.

GABARITO

1. Trata-se de um paradoxo, visto que funde dois termos excludentes: a claridade e a obscuridade. Na obra, a condição de ser – humano, frágil e vulnerável – é exposta, sai da noite para a luz, no talentoso versejar do poeta.
2. a) Em linguagem poética, “Os bens e o sangue” registram um fato real – esse é o elo; parte de uma família específica para representar todo um estado de decadência; do particular ao coletivo. O poema trata da partilha dos bens de uma família patriarcal enfraquecida e dispersa. Foi o próprio Drummond quem explicou que o poema nasceu de um maço de documentos de um cartório; nele estava registrado que vários descendentes de João Francisco de Andrade resolveram, no mesmo dia, vender as propriedades do patriarca que tanto ouro tinham produzido para a família. Na construção de Drummond, o fato evoca o deslocamento, o desarranjo, o desapego do homem à terra.
b) Não são palavras cognatas. NADO foi utilizado como sinônimo de nascido, particípio do verbo “nascer”; NADA é pronome indefinido, significando “nenhuma coisa”; NONADA é substantivo que indica “ninharia, bagatela, coisa de pouco valor”; e, por fim, em DESENGANADO temos uma desinência de particípio -ADO, formadora de adjetivo. Foram palavras aproximadas no poema sem haver, necessariamente, uma essência comum.
3. Resposta pessoal. Uma possibilidade de leitura é o reconhecimento do próprio poeta que seu maior legado seria sua poesia modernista que, lançada em 1921, causava estranhamento e polêmica.
4. C
5. B
6. V – V – V – F – V.
7. V – V – F – F – V.
8. A
9. O poeta descreve seu poema não como uma forma ideal de arte, mas como uma obra que não suscita prazer e que traz um ar maturo e maligno. Acrescenta, ainda, adjetivos como “antipático” e “impuro”, confirmando essa depreciação.
10. D
11. B
12. Resposta pessoal.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP

Fone: 12 3924-1616

editora@sistemapoliedro.com.br